



# LER, VER E OUVIR

# Bravo!

“Ninguém havia mencionado a palavra estupro, exceto aquele pedaço de papel”

CHANEL MILLER

(EM EU TENHO UM NOME, INTRÍNSECA)

LIVRO

A família Medeiros deixou a Paraíba sertaneja e partiu para o Paraná pioneiro em 1965



## Bem Brasil brasileiro

EM AUTOBIOGRAFIA FAMILIAR, JOTABÊ MEDEIROS CONTA A HISTÓRIA DE SEU PAI, HOJE COM 102 ANOS, QUE TEVE 20 FILHOS

Dois anos atrás, a família Medeiros reuniu-se para comemorar o centenário de João Francisco, um brasileiro de Sumé, no sertão paraibano, que migrou para o norte do Paraná. Ele ainda está vivo, hoje com 102 anos. Naquele encontro, um dos seus 20 filhos percebeu que havia ali uma grande história se examinasse o passado da família. Esse garoto tinha 3 anos no ano de 1965 e estava na arriscada viagem que dois caminhões Mercedes-Benz carregados de sal e 12 crianças e adolescentes escondidos na carga fizeram para cruzar o Brasil de Norte a Sul. Vieram com o último pau de arara.

O jornalista Jotabê Medeiros, editor de cultura desta *CartaCapital*, era aquele garoto que cresceu e criou coragem para escrever uma autobiografia familiar. Autor de bem-sucedidos livros sobre Belchior e Raul Seixas, ele procurou imprimir o mesmo veio investigativo adotado nos personagens famosos para falar sobre seu pai. Décimo primeiro filho, o primeiro homem a vingar, ele cresceu sob o jugo autoritário e misterioso de João Francisco, um marchante, uma espécie de açougueiro no Nordeste, dotado do dom de cuidar de cavalos. E coube a Jotabê vasculhar os baús sentimentais

de irmãos, tios e quem mais pudesse ajudá-lo a costurar essas pequenas histórias.

Apesar da pródiga linhagem de João Francisco Medeiros, com 20 filhos, 45 netos, 23 bisnetos e dois trinets, muitas histórias dessa família brasileira se perderam ou jamais foram reveladas. Agora elas vêm à tona em uma narrativa que se inscreve como obra robusta da literatura popular brasileira. Com *O Último Pau de Arara*, preparado zelosamente pela Editora Grafatório, de Londrina, Jotabê reivindica uma nesga de espaço para João Francisco Medeiros como um dos pequenos grandes personagens da literatura.

“Meu pai vem de um mundo rústico demais, constipado demais para ser visto com as ferramentas arregimentadoras da nossa época”, descreve o autor, meio que se desculpendo pelas atitudes do pai. Não que ele poupe o pai, porque sabemos pela escrita elegante e bem-humorada que o ex-marchante batia na mãe, disparava tiros na direção de uma das irmãs. Foi ainda, quando jovem, um justiceiro pelas próprias mãos e crupiê em um cassino.

O jornalista não reivindica exclusividade de uma história que faz parte da memória afetiva de milhares de famílias. Com personagens humanos, brasileiros, que nos identificam enquanto nação torta que somos, brinca de recontar a formação do Brasil a partir de um povo que aprendeu a laçar, abater, desossar e estripar a lida da vida. É pelos interiores dos nossos interiores que o livro funde as histórias de dois mundos: “Da Paraíba

sertaneja e do Paraná pioneiro. Elas se cruzam sem grandes traumas, como se fossem naturezas simbióticas de um país feito todo de diferenças”.

- Eduardo Nunomura

*O ÚLTIMO PAU DE ARARA.*

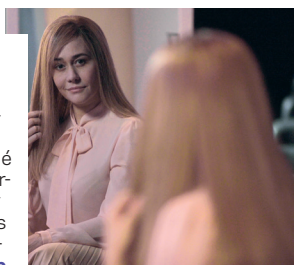
De Jotabê Medeiros.  
Grafatório, 176 págs.,  
85 reais.



# Bravo! CENICAS

## O TEATRO DO ABSURDO

Híbrido de teatro e cinema, *A Arvore*, estrelado por **Alessandra Negrini**, é o relato íntimo de uma personagem que busca por suas verdades de formas fantásticas. Na plataforma Tudus do **Teatro Faap**.



## A AMBICÃO HUMANA

Até 28 de março, de sexta a domingo, às 19 horas, a **Cia OmondÉ**, em seu canal no **YouTube**, apresenta *Auto de João da Cruz*, de Ariano Suassuna. A peça é uma recriação de *Fausto*, de Goethe.



## LIVRO

### A CAMA DE GATO DA LAVA JATO

JUÍZA FEDERAL FABIANA ALVES RODRIGUES REVELA A PROFUSÃO, MANIPULAÇÕES, ABSURDOS E ILEGALIDADES DA FORÇA-TAREFA

**A** luz das tenebrosas gravações dos diálogos com os promotores e juízes envolvidos, reveladas pela ação de um hacker, é possível afirmar hoje sem medo de errar que a força-tarefa da Lava Jato era apenas um grupo criminoso infiltrado na Justiça. Mas, ainda sem a evidência irrefutável dessas conversas, a juíza federal Fabiana Alves Rodrigues publicou um livro no fim do ano passado, *Lava Jato* (WMF Martins Fontes), no qual analisa, a partir do exame rigoroso do método, das práticas, dos processos e dos acordos coordenados pela

operação, como a força-tarefa transformou o aparato judicial em um imenso oceano de exceções e aberrações jurídicas – e revela quem participou, por adesão ou inação, desse trágico momento da Justiça no Brasil.

Isenta em sua posição (Fabiana é magistrada especializada em crimes financeiros e lavagem de ativos), a juíza ateu-se às questões processuais envolvidas: o recurso da colaboração premiada, o uso indiscriminado (e seletivo) da prisão preventiva, a hiperconcentração de casos em um único poder decisório, a heterodoxia na instrução das ações policiais.

*LAVA JATO – APRENDIZADO INSTITUCIONAL E AÇÃO ESTRATÉGICA NA JUSTIÇA.*

De **Fabiana Alves Rodrigues**. WMF Martins Fontes, 2020. 279 páginas, 50 reais.



O livro narra como a força-tarefa de Sergio Moro cometeu um oceano de aberrações jurídicas

O juiz responsável pela operação, Sergio Moro, desenvolveu um sistema de concentração de poder que não encontra paralelo na história jurídica brasileira. Para monopolizar em Curitiba os casos de lavagem de dinheiro que o interessavam, omitiu, por exemplo, a origem de empresas envolvidas (das 23 empresas, 16 eram sediadas no estado de São Paulo, o que foi sonogado nos processos).

**A Lava Jato** selecionou crimes e penas como forma de converter envolvidos em delatores direcionados; usou a tramitação célere para obrigar a acordos de colaboração extremamente danosos ao poder público. Esquivou-se, com omissão de informações, de fornecer dados, com o intuito de ludibriar e induzir ações de instâncias superiores. Nesse último item, destaca-se a decisão do ministro Gilmar Mendes acerca da nomeação de Lula para ministro da Casa Civil, baseou-se na interceptação ilegal de uma conversa entre Lula e a presidenta Dilma, não conclusiva, e decidiu que “não era necessário emitir juízo sobre a licitude da gravação em tela”.

O alvo principal tinha escopo político, mais do que combate à corrupção. Nessa determinação, a operação passou por cima, como um trator, de todos os protocolos oficiais. Fez acordos de cooperação (com a Suíça, por exemplo) no escurinho da informalidade. De forma eminentemente técnica, a juíza revela que Sergio Moro foi abusivo, corrompeu o sistema de Justiça, montou um esquema de chantagem e de cooptação de agentes públicos. Pior, mostra que seu grupo poderia perfeitamente ter sido enquadrado antes de ter mergulhado o País em um abismo político, social e de insegurança jurídica. - Jotabê Medeiros



#### A DUPLA SINGULAR

De 8 a 14 de março, a **Cia Dos à Deux**, do Rio, transmite em seu canal do **YouTube** a mostra *Dos à Deux - A Singularidade de uma Trajetória*. É um *pot-pourri* das mais de duas décadas da dupla.



#### A NARRATIVA FRENÉTICA

**Janaína Suaudeau** faz temporada, às 21 horas de quartas e quintas, no **Teatro Aliança Francesa** com o espetáculo *Ninho*. Trata dos temas da beleza e feiura, mudez e fala e memória e realidade.



#### MULHERES ARRETADAS

A 2ª edição do **Sarau Viva Nordeste** será transmitida, até 27 de março, pelos canais **YouTube** e **Facebook**. Haverá oficinas, rodas de conversa, saraus e palestras-espetáculos em homenagem à cultura nordestina.



#### DISCOS

### A ETERNA BOSSA DE OSMAR MILITO

PRESTES A COMPLETAR 80 ANOS, O PIANISTA REFERENCIAL DOS ANOS 1960 LANÇA NOVO DISCO COM PARCEIROS CEARENSES



**A** bossa e o suingue do pianista paulista Osmar Milito estão de volta em seis refinadas faixas instrumentais no novo disco *Milito Franco Moura*, EP que coloca o velho maestro ao lado de outro patrimônio nacional, o cearense septuagenário Luciano Franco (guitarrista e contrabaixista). Gravado na Vila Estúdio, em Fortaleza, durante passagem recente do pianista pela capital cearense para *shows* no projeto Jazz em Cena do Centro Cultural Banco do Nordeste Brasileiro, o disco é um fora de série que registra a riqueza dos diálogos artísticos de escolas diferentes, mas interligadas.

Milito, lendário pianista residente da boate Number One, de Ipanema, nos idos de 1963/1964, que acompanhava Maria Alcina e se revezava no palco com Dom Salvador (e com os bicões Tom Jobim, Paulo Moura e outros, sempre lá a dar canjas), se exhibe em plena forma em 2021, estraçalhando em faixas como *Mais que Sonhar*, do compositor também cearense Dawlton Moura. O acompanhamento é de músicos do Nordeste – além do maestro Luciano Franco, o saxofonista Jorge Matteus Doudement e o trombonista Barney Oliver.

O músico reaviva o toque inestimável da bossa original, mas agora abrigada em novas harmonias de compositores também de gerações posteriores. Quatro das faixas foram gravadas em Fortaleza, antes da pandemia, e têm em comum um elevado senso rítmico, presente especialmente em faixas como *Gafieira Esperta*.

Milito celebra seus 80 anos em maio. Começou a carreira de intérprete e compositor no início dos anos 1960. De lá para cá, acompanhou Sylvinha Telles, Leny Andrade, Nara Leão, Maria Bethânia, Vinicius de Moraes, Gilberto Gil, Jorge Ben, Elis Regina e Pery Ribeiro, entre vários outros. No começo da carreira, fez excursões por México e Estados Unidos, onde viveu por dois anos, abrindo *shows* de Sergio Mendes e tocando em clubes e universidades norte-americanas. - JM

#### PARA O JUÍZO DOS HOMENS SÓRDIDOS

**Muito Além do Fim.** De Lô Borges. Deck.

Durante a pandemia, os irmãos mineiros Lô e Márcio Borges retomaram histórica parceria e compuseram as dez faixas que integram o álbum *Muito Além do Fim*, de Lô. Juntos, eles compuseram es-tandartes como *Clube da Esquina*, *Para Lennon e McCartney* (1970), *Tudo que Você Podia Ser*, *Um Girassol da Cor de Seus Cabelos* (1972) e *Equatorial* (1979). A parceria tornou-se esporádica a partir dos anos 1980, e há nove anos eles não se encontravam musicalmente. Autores de gerações mais novas, como Samuel Rosa e Makely Ka, predominaram na profícua discografia de Lô nos últimos anos.

A nova safra surge inspirada tanto em música quanto em letra, principalmente na faixa-título, que parece prestar contas ao tempo de pandemias e pandemônios: *O movimento do momento cósmico/ me diz que poderá surgir/ algum juízo nesses homens sórdidos/ montados num dragão feroz. O velho rock rural embala quase-baladas como Vida Ribeirão, Canções de Primavera e Piano Cigano, mas mais diretas e inquietas são Caos e Terra de Gado (tá tudo estranho demais/ muito armado por trás/ disparado zunindo pra trás). Agora só falta esses homens sórdidos criarem juízo.* - PAS



## CINEMA

### A GRANDE DIFERENÇA

O DELICADO FILME FRANCÊS *MAIS QUE ESPECIAIS* É INTELIGENTE AO TRATAR COM BOM HUMOR DE TEMAS DELICADOS

**M**ais que *Especiais*, em cartaz nos cinemas, retrata a inequação entre a ineficiência do Estado em garantir alguns direitos e a burocracia do próprio Estado para permitir que pessoas, físicas ou jurídicas, cheguem até onde o aparato estatal não alcança. O filme se passa em Paris, mas poderia ser em qualquer lugar do mundo.

De Olivier Nakache e Éric Toledano, os mesmos diretores do indispensável *Intocáveis* (2011) e de *Samba* (2014), o filme foi aclamado em Cannes e esteve na programação do Festival Varilux de Cinema Francês no ano passado. Baseado em fatos reais, aborda o cotidiano de dois amigos responsáveis por duas organizações não governamentais sem fins lucrativos que há 20 anos se ajudam na tarefa de cuidar de pessoas com transtorno autista severo, ancorados em suas vocações e paixões. A metodologia de trabalho da dupla inclui a “formação” de cuidadores escolhidos entre as camadas menos favorecidas da sociedade.

Vincent Cassel e Reda Kateb interpretam Bruno e Malik, personagens inspirados em Stéphane Benhamou e Daoud Tatou, fundadores das ONGs Le Silence des Justes e da Le Relais IDF. Trabalhando no limite, as organizações de Bruno e Malik são, por vezes, a última esperança de pais e mães que não creem no confinamento e na medicação enquanto sinônimos de dopagem como tratamento, solução ou alternativa para seus filhos. “Quase nunca se pensa nessas pessoas quando atingirem a idade adulta”, desabafa uma mãe.

Nakache e Toledano são especialistas em humor sutil e elegante, uma estratégia inteligente para colocar mais gente em contato com os temas que abordam. Comovente, *Mais que Especiais* joga luz sobre a questão do autismo – e de resto sobre temas sensíveis como mobilidade, diversidade, tolerância e respeito, em uma obra delicadamente humanista. - Zema Ribeiro



Baseada em fatos reais, a obra de Olivier Nakache e Éric Toledano aborda o autismo de forma delicada e humanista



### MISTURADAS À PAISAGEM

**Flores do Cárcere.** De Bárbara Cunha e Paulo Caldas. Brasil, 2019, 78 min.

Dirigido pela pernambucana Bárbara Cunha e pelo paraibano Paulo Caldas (de *Baile Perfumado*, de 1996), o documentário *Flores do Cárcere* focaliza o problema prisional brasileiro sob perspectiva feminina e de classe social. Parte de imagens registradas em 2005 com depoimentos de detentas da Cadeia Pública Feminina de Santos (SP), hoje desativada para reformas. Os documentaristas localizam seis ex-presas e as levam de volta ao local agora abandonado, onde **Xal, Mel, Dani, Pérola, Chachá e Rosa** falam sobre a experiência do encarceramento, quase sempre por uso ou porte de drogas, quase sempre incentivadas por namorados traficantes.

Adiante, *Flores do Cárcere* mostrará os ambientes por onde circulam as ex-detentas. A maioria delas ocupa hoje profissões modestas, de manicure, cobradora de ônibus, professora de ginástica, funcionária de escola ou de cinema frequentado pela classe média paulistana. A mensagem é transparente: misturadas à paisagem, personagens rotuladas como marginais ajudam a suportar os alicerces de uma sociedade que prefere evitá-las com todo empenho. - PAS



CINEMA



## OUTRA FERNANDO DE NORONHA

UM DOCUMENTÁRIO REVELA POR QUE GESTANTES TÊM DE PARIR FORA DO ARQUIPÉLAGO PERNAMBUCANO

**O** documentário *Proibido Nascer no Paraíso*, da cineasta Joana Nin, é perturbador. E não é preciso esperar os seus 78 minutos para descobrir que a história de três gestantes moradoras de Fernando de Noronha oculta algo mais sórdido. Se esses filhos nascessem na paradisíaca ilha pernambucana, eles poderiam pleitear um naco de terra, mas isso está fora de cogitação para as autoridades. Resta às mães serem escorraçadas do arquipélago para dar à luz no Recife.

Joana visitou Noronha, como é mais conhecida entre os *habitués*, e ficou estarrecida ao descobrir essa história. Há um hospital na ilha, mas ele deixou de prestar atendimento a grávidas 20 anos atrás. E quando elas procuram o local, até para acompanhar a evolução da gravidez, começam a ser aconselhadas, se não coagidas, pela equipe de saúde a se preparar para viajar para a capital de Pernambuco. E tudo com a

desculpa de que isso seria melhor para o bebê. O cerco é tão grande que próximo das 12 semanas que antecedem o parto, prazo máximo para elas viajarem em segurança, o assédio torna-se quase diário.

**Três gestantes**, Ione, Harlen e Babalu, foram acompanhadas por Joana entre 2017 e 2019. Elas se alternam entre o conformismo com a situação e a revolta de não poder parir no local. A documentarista as acompanha até no hotel em que são obrigadas a ficar na capital. São bem assistidas, importante frisar, mas perderam o direito de ter seus filhos onde elas e seus familiares vivem. Tudo porque moradores permanentes, aqueles que vivem

Fernando de Noronha é um distrito de Pernambuco e é administrado por um cidadão local. Não há compra e venda de imóveis na ilha, o que torna cobiçadíssimo cada centímetro de suas terras. E, como sujeito oculto do documentário, há a pressão imobiliária. Nos últimos anos, pousadas chiques têm invadido o paraíso, e então se faz necessário reduzir a pressão dos nativos. Não ter a concorrência das futuras gerações tornou-se extremamente conveniente para os interesses dos novos “empreendedores”.

A cineasta teve coragem de trazer à tona essa questão, direcionando a narrativa para um ponto ainda mais importante. Há décadas, a gestação foi incorporada pela indústria capitalista, capaz de co-

brar por tudo e definir até a forma de parir. *Proibido Nascer no Paraíso* não deixa de ser o extremo de uma situação distorcida, e não é de hoje. - Eduardo Numomura

**PROIBIDO NASCER NO PARAÍSO.**

De Joana Nin. Brasil, 2021, 78 min.

